



TRADIÇÃO E CONTEMPORANEIDADE O Universo Mítico de Mestre Didi *

Discorrer a respeito da arte africano-brasileira, implica em abrir um leque epistemológico sobre a tradição, o “religare”, a visão-de-mundo da qual ela emerge e faz parte indissolivelmente. A cultura africano-brasileira presentifica uma **recriada continuidade** transatlântica da civilização africana no Brasil. Ela proporciona uma particular historicidade religiosa simbolizante que permeia e mobiliza o processo sócio cultural de afro-descendentes.

O processo da produção e criação estética afro-brasileira emerge e recompõe na continuidade e na descontinuidade no Brasil – particularmente no estado da Bahia –, o conhecimento, o pensamento e as subjacências emocionais dos **princípios inaugurais** reelaborados desde épocas remotas.

É nossa intenção comentar sobre alguns aspectos básicos que geram e possibilitam a continuação e recriação do legado africano. Esta perspectiva nos permite apreender melhor por que e como os padrões de origem conseguiram renovar-se a partir dos próprios valores e mecanismos que processam seu devenir.

Paralelamente a insurgências e revoltas, o ethos africano se expandia com suas recriações e variáveis, a partir da própria dinâmica no esforço tático de afirmação existencial, introjetando, “digerindo” os aportes contextuais, conforme modos e valores próprios.

Paralelamente às atividades estéticas visíveis na sociedade “oficial”, produzia-se uma intensa produção sacralizada, concentrada e oculta no interior das comunidades, nos modos do cotidiano, nos altares comunitários e familiares, em emblemas também utilizados em celebrações de cerimônias e ritos. Algumas dessas esculturas e emblemas em madeira e metal parecem ser originários da África Ocidental, – ainda a serem datados –, mais tarde foram copiados e recriados por sacerdotes afro-descendente especialmente preparados para esses misteres. Só a partir do início do século XX começaram a ser conhecidos, descritos e fotografados por alguns pesquisadores e escritores.

Por diversas razões, a cultura que se conhece no Brasil com o nome genérico de Nagô ou complexo Jeje-Nagô se expandiu e influenciou as diversas manifestações dos afro-brasileiros. Tal como na África Ocidental, a religião impregnou todas suas atividades regulando e influenciando seu viver cotidiano, conservando um sentido profundo de comunidade, preservando e recriando o mais específico de suas raízes culturais. Particularmente na Bahia o espaço geográfico da África genitora e seus conteúdos materiais e espirituais foram restituídos em bem organizadas associações, os **ègbé**, as comunidades-terreiro. Neles se continua e re-

nova o culto às entidades sagradas, a tradição dos **orisha** e a dos ancestrais ilustres, os **egun**. A religião tradicional, condutora de continuidade institucional, gerou o estabelecimento das comunidades. Os “terreiros” ou **ègbé** foram, e continuam sendo, centros organizadores da fixação, elaboração e transmissão cultural, núcleos e pólos de irradiação de todo um **complexo sistema simbólico** estabelecendo modos específicos de comunicação.

As expressões estéticas emergem e estão ao serviço do enunciado simbólico, constituindo linguagem específica, comunicação cujo vocabulário e semântica, manifesta e latente, outorga visibilidade à “weltanhang” africano-brasileira.

Qualquer que seja a índole e a complexidade dessa comunicação – gestos, sons, exclamações, ritmos, cores, formas – constitui-se numa linguagem. Essa linguagem compreende uma rede de signos cujos intercâmbios ou relações simbólicas perpassam todos os espaços e atividades comunitárias. A linguagem partindo das matrizes tradicionais, distende seu rico patrimônio mítico-litúrgico em uma exuberante manifestação estética-identitária, transbordando os espaços territoriais da comunidade, espalhando-se em multiplicidade de cores, formas e ritmos pelas ruas, largos, museus e galerias.

Os descendentes africanos fizeram do patrimônio de sua linguagem, um de seus instrumentos mais persistentes que se reelabora em ritmos, música, literatura, em expressões visuais. O discurso simbólico, poder e energia, apoderando o existir em todo seu âmbito infinito, ultrapassa gerações, conduzindo, transmitindo e transcendendo seu tempo de origem, conferindo existência a um plural universo simbólico “neo-africano” que se recria dialeticamente nas comunidades-terreiro da Bahia e se expande por todo o espaço afro-brasileiro. Este aspecto de **transcender gerações e de expandir-se** é fundamental para a compreensão da capacidade de retextualização dinâmica do fazer estético afro-brasileiro.

Objetos, emblemas, roupas, pinturas cor-

porais, esculturas e manifestações de arte contribuem para expressar o conhecimento universal, cósmico e teológico; sua compreensão só é possível, se recolocados no sistema de relações dinâmicas. Evocam não só as qualidades e raízes míticas, mas reinstauram toda a visão-de-mundo do qual emergem com suas múltiplas relações sócio-políticas e culturais.

O diálogo entre passado e presente, realidade re-atualizada não limita o real ao discurso do aqui e agora, permitindo a emergência de um ethos que perpassa as fronteiras das variáveis das comunidades-terreiro.

Desse organismo simbólico, vivo e atuante, destacaremos um de seus componentes, a expressão estética visual. Ela se articula com os demais elementos rituais e só poderá ser compreendida em função do todo. Emblemas e objetos se articulam para significar o sagrado. São instrumentos de comunicação que, através de sua forma significante, contribuem para manifestar e transmitir a complexa trama simbólica.

Manifestar e conscientizar o complexo mundo semântico Nagô, sua memória e continuidade permeia toda a obra de Mestre Didi e permite aproximar-nos à linguagem de suas esculturas. A obra de Mestre Didi confere existência a um plural universo simbólico neo-africano que se cria e recria na multiplicação de formas e sentidos (1).

Numa poderosa linguagem suas obras contribuem para atualizar a visão-de-mundo, herdado e reelaborado, expandindo-se para fora de sua comunidade inicial, universalizando-se.

As obras de Mestre Didi têm o poder de tornar presente a linguagem abstrato-conceitual e emocional elaborada desde as origens pelos seus antecessores. Ela tem o poder de tornar presente os fatos passados, de restaurar e renovar a vida. Contribui para reconduzir e recriar todo o sistema cognitivo emocional da comunidade, tanto em relação ao cosmos quando a realidade humana.

Mestre Didi executa objetos rituais desde sua infância e adolescência. De antiga linguagem Ketu, foi iniciado no culto do orixá Obaluaiye que, juntamente com orixá Nanã e

Oxumarê, constituem o panteão da Terra, inspiração maior de sua obra. Como Assogbá, confirmado pela fomsa Iyalorixá Aninha, foi preparado e incumbido da função e responsabilidade de continuar a herdada tradição da casa de Obaluaiye. Como sacerdote ficou incumbido de executar e sacralizar todos os emblemas rituais de seu culto. Continua-se assim um fundamental traço africano.

Já dissemos que os objetos rituais são componentes de um todo. Por sua vez, os diversos elementos que constituem um emblema não devem ser compreendidos em separado. Nas obras de Mestre Didi, os búzios, contas, palha e nervuras, por exemplo, fora de seu significado próprio, integram uma simbologia que contribuem para expressar. Os elementos que as ornamentam ou os materiais com que são executados têm desde logo um significado autônomo. É precisamente por estas qualidades, que lhes são próprias, que são anexados e combinados para formular a simbologia mítica renovada nas criações de Mestre Didi. Certos materiais, utilizados em diferentes trabalhos, estabelecem uma determinada conotação que lhes é comum. A simbologia autônoma de uma obra é determinada por sua vez e adquire sua função mítico-estética por participar de uma visão-de-mundo, de um sistema em que é organizada a manifestação do sagrado.

Todo o existir, cada panteão, cada objeto, roupa, emblema, cada partícula do universo material ou abstrato, se visibiliza, se exprime, presentificando sua pertinência através de cores, matérias e formas pertinentes que remetem aos princípios e conteúdos que conformam a visão-de-mundo.

A criatividade de Mestre Didi se inscreve na vertente mitológica das culturas. Essa energia de projeção mítica captura de maneira singular os **elementos estáveis** que constituem sua cultura e impregna suas obras.

Mestre Didi é porta-voz orgânico de sua tradição. Para além do formal, expressa o significado, o sentido – os elementos estáveis de que falávamos – de herança milenar. As obras

do Mestre Didi estão imbuídas de uma consciência incorporada quase geneticamente, da relação do homem com a Terra. Suas formas espaciais se combinam de múltiplas maneiras para expressar o essencial desse ‘religare’ com a sacralidade da vida.

A arte escultórica de Mestre Didi se reveste de uma total **liberdade** fece às expressões estéticas da civilização ocidental. A prática dessa liberdade está ancorada na sólida integração identitária com os valores de sua herança cultural. A criatividade emerge de seu próprio universo, do ethos e do eidos transmitidos, incorporados medularmente no seu existir. Isso lhe permite circular nas diversas culturas, selecionando traços e elementos que, incorporam a sua própria visão e consciência, permitem fortalecer ainda mais seu próprio imaginário.

Essa liberdade lhe permite desenvolver, um amplo universo de criações que, sem ser propriamente de inserção ritual, continuam carregadas do mundo espiritual e mítico recriando a cosmogomia e teofania de tempos pré-líticos.

A originalidade que caracteriza o trabalho de Mestre Didi se deve fundamentalmente à fidelidade, convicção e fé na sua tradição; constituem seu fundamento intelectual e estético. Essa autenticidade lhe permite mover-se com liberdade no mundo das artes ocidentais.

Despojada de apreciação crítica evolucionista, a obra escultórica de Mestre Didi se insere em uma arte de vanguarda – por sua total liberdade, independência e originalidade – ancorada na dinâmica de uma cultura tradicional e contemporânea. Cada escultura pode ser considerada na sua individualidade, como forma e como sentido, ambos enraizados na sua herança cultural, mas é o conjunto da obra que nos leva a refletir e destacar sua originalidade estética de inspirada criatividade pessoal.

Nenhuma escultura é uma inspiração arbitrária; elas revelam a autenticidade do artista identificando com a sua ancestralidade, mas que formaliza suas idéias conforme sua própria sensibilidade. Ele **atualiza** a visão teológica, cósmica e mítica de seus antepassados.

Resultado de antigas memórias introjetadas milenarmente, vivenciadas – experiência existencial –, Mestre Didi conduz com originalidade a continuidade emocional do complexo africano-brasileiro, permeando-o e renovando-o com singularidade.

As obras de Mestre Didi carregam a experiência, o hálito, a respiração, dos mais antigos aos mais novos, de geração em geração; condensando sua história pessoal e a capacidade de transcender, veicula a energia mítica, para além de sua própria vida, Resultado dessa dinâmica pessoal suas configurações estéticas, sobrepassam o plano litúrgico, redramatizando-as através de suas próprias imagens e subjacências.

Ao assumir a experiência ancestral de sua comunidade, recriando-a, sua obra transmite um sentido de **atemporalidade** por quanto presentifica a anterioridade de origem somada ao vital impulso de constante regeneração. A multiplicidade das relações míticas e formais se reinventam e desdobram na multiplicidade de suas formulações espaciais.

O alto sacerdote do culto aos ancestrais-egun, o Mestre Alapini e o sumo sacerdote do culto aos orixá agrupados no panteão da Terra, o Mestre Assoghá, extravasam a sua vocação artística na multiplicação de obras de arte onde sabedoria e beleza se mancomunam.

Em 2001, aos 83 anos de idade, após toda uma vida dedicada à criação estética, Mestre Didi foi convidado a instalar uma escultura em bronze, em praça pública. A escultura **Opa Bâbá N^oLaawa**, Cetro da Ancestralidade, de 7 mts de altura, instaura pela primeira vez uma marca pública da ancestralidade africana na cidade de Salvador. A obra conjuga singular criatividade, tradição e contemporaneidade, historicidade simbolizante, coesão interna, autenticidade. A simplicidade da forma, retas e curvas combinando-se no espaço em original harmonia, em fim, toda a obra, como seu nome indica, transmite dignidade, majestade e infinitude.

Configurações, retas, curvas, espiraladas, preenchendo e vazando o espaço, simplicidade de concepção e liberdade na combinação de téc-

nica, cores, texturas e materiais tradicionais, transmitindo original criatividade estética, distinguem toda a obra de Mestre Didi.

A criatividade de inspiração mítica transmuta-se em danças, músicas, nas pinturas das noviças, adereços, nos emblemas, nos trabalhos de Ruben Valentin, do próprio Mestre Didi, Emanuel Araújo, Niobe Nandó, Arthur Bispo do Rosário, Ronaldo Rego, Agnaldo Manoel dos Santos, Helio Oliveira, e tantos outros que ainda não vieram a público nem chegaram a galerias e catálogos.

Mestre Didi nomeia suas esculturas em língua Nagô para melhor conceitualizar suas obras e o colocam como fiel expoente da vertente mítica de uma arte de vanguarda.

Concluindo, as obras de Deoscoredes Maximiliano dos Santos – Mestre Didi –, inscrevendo-se na vertente mitológica das artes, projetam com originalidade uma energia poética de caráter universal. As concepções estéticas, inspirando-se livremente na simbologia do sagrado inicial de seu povo, projetam com singular sensibilidade a minuciosidade técnica, a profundidade mística, a tradição e a contemporaneidade da existencial criatividade do sacerdote-artista.

⁴Este texto retoma algumas colocações de ensaios anteriores: “Bimestre Didi: Tradição Contemporaneidade, XXIII Bial Internacional de São Paulo – Salas Especiais, Fundação Bial de São Paulo, 1996 pgs 262-295. : “Afro-Brasilian Tradition and Contemporaneity”, catalogo Brazil Body And Soul, pgs 326-333, Guggenheim Museum – N.Y, 2001.

(1) Sobre a complexidade cultural nagô, consultar: “Os Nagô e a Morte”, editora Vozes, Petrópolis 11^o cd., 2002.

* Juana Elbein dos Santos

Escritora e antropóloga, Doutora em Etnologia, Sorbone, Coordenadora da Sociedade de Estudos das Culturas e da Cultura Negra no Brasil – SECNEB; autora de *Os Nagô e a Morte* e de *O Emocional Lúcido*, entre outros. Novembro 2004